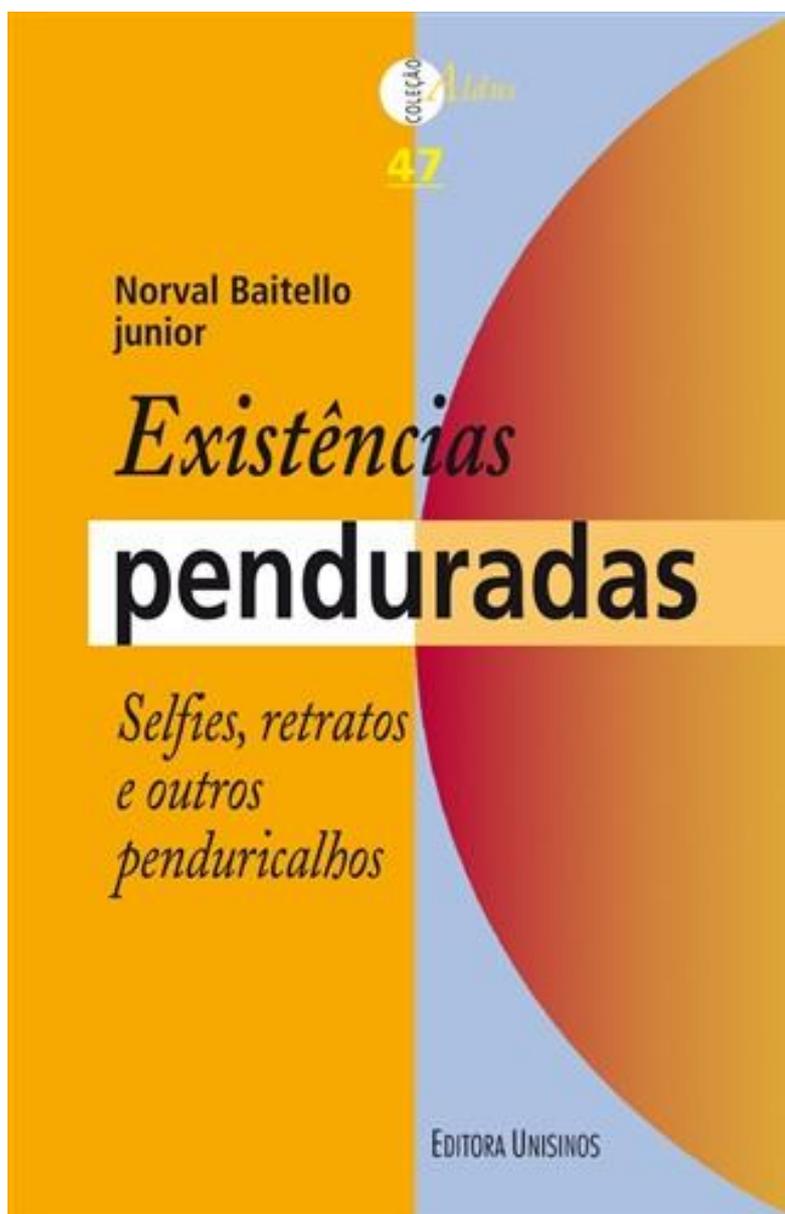




Pendurados em imagens técnicas

Wagner Souza e Silva - Universidade de São Paulo | São Paulo | São Paulo | Brasil |
wasosi@gmail.com | <http://orcid.org/0000-0003-3839-2305>.



RESENHA

Em “Existências penduradas: *selfies*, retratos e outros penduricalhos. Por uma ecologia das imagens”, Norval Baitello Júnior subsidia de maneira provocadora a crítica e o debate em torno da potência que as imagens ganharam a partir do advento das tecnologias mais recentes de produção e circulação nos processos comunicacionais.



Evidentemente motivado pela busca de um exame da compulsão contemporânea pelas *selfies*, o autor parte do entendimento da fotografia como um gesto de existência, reforçando a dimensão filosófica de seu estatuto como imagem técnica (a imagem produzida por aparelhos), entendimento este de relevância cada vez maior para os estudos de uma comunicação que vem se estruturando em torno de dispositivos reduzidos a telas. O protagonismo das *selfies*, uma prática que dá continuidade ao que o autor entende como uma “política dos retratos” instituída pela fotografia, é observado com perspicácia, fazendo emergir minúcias que contribuem de maneira significativa para pensarmos a respeito do corpo e sua existência, atualmente atrelada às imagens dessa natureza.

A argumentação central gira em torno do “pendurar-se” como um gesto que revela não só a necessidade de nos agarrarmos às coisas para nos sentirmos humanamente vivos – nossos objetos culturais circundantes, inúmeros “penduricalhos” –, como também denota o “erguer o braço” como um princípio de existência, por ser este um gesto de presença, tal como se observa em situações de vitória ou manifestações de rua. É a partir de tal observação que a prática das *selfies* ganha seus contornos mais expressivos, evidenciando a condição atual em que estaríamos pendurados a uma “vida-imagem”, uma forma elevada de vida, por isso “sobre-humana”. “Os deuses”, afirma o autor, “não caem nunca”, e o simples gesto da *selfie* revela, assim, um individualismo extremo, um “mundo-eu”, um Narciso que não mais se debruça na horizontalidade de um espelho de águas, mas que se aventura ao sonho de se estar cada vez mais alto. Tal forma de existência desarticulária a possibilidade de um homem político baseado na alteridade, já que este, agora “encapsulado” em seu *smartphone*, passa a ter a sua energia e seu tempo drenados pelo universo algoritmizado da informação, o braço atual do “titanismo do capital”.

O livro, em formato de bolso, estrutura-se na forma de 79 pequenos textos, de extensões variadas, mas bastante próximos em relação à



estratégia de abordagem, perfazendo uma unidade que se constrói de maneira cativante e instigante, ainda que cada um deles, cuidadosamente numerado e intitulado, esteja dotado de certo grau de independência. Dessa forma, permite uma leitura de formas tanto linear como fragmentada, em que cada trecho funciona como uma espécie de pílula: textos ensaísticos, enxutos e objetivos, mas portadores de potencialidades para nos despertar as nuances de nosso comportamento frente à torrente de imagens que produzimos e consumimos com feroz velocidade na contemporaneidade. Essa estrutura portátil e fragmentada da obra está em perfeita sintonia com o próprio contexto alinear e plural do universo das imagens. Como reforça o autor, “por coerência ao objeto, o livro não se compõe de capítulos, mas ‘névoas em suspensão’ [...] algumas são ligeiras como pequenas neblinas passageiras, outras são pesadas como densas nuvens de grandes tormentas”.

A forma como o livro se organiza parece facilitar o avanço de sua abordagem em uma direção mais ampla de discussão, que é incrementada por diversos outros ambientes e práticas, além de personalidades, obras e fatos marcantes de nossa história. Artur Bispo do Rosário, o cinema de Hitchcock ou a bomba de Hiroshima são exemplos dessa diversidade de aportes, que demonstram como o livro reflete a própria efervescência da constelação de significados que as imagens são capazes de suscitar. Assim, articulando habilmente uma postura fenomenológica já tradicional em outras de suas obras, Baitello Júnior lança mão de estratégia que nos conduz para um processo de redescobertas de um cotidiano aparentemente banal, alimentado por fenômenos que pareciam esgotados em sua descrição e análise, mas que agora ganham uma nova dimensão de percepção e possíveis outras conexões. Entre montanhas, satélites e museus, ou árvores, cajuína e circos, temos um exercício de ressignificação de práticas e objetos da cultura, sobretudo no que diz respeito àquelas nas artes e na comunicação, cabendo destacar, também, os amparos pontuais de



reflexões de Dietmar Kamper, Günther Anders, Harry Pross, Aby Warburg, Walter Benjamin e Vilém Flusser, dentre outros importantes teóricos que sempre foram bastante caros à trajetória do autor como professor e pesquisador.

“Toda comunicação começa e termina no corpo”: é citando a máxima de Harry Pross que Baitello Júnior parece esclarecer a importância e o vigor de todo o conjunto de suas breves reflexões, pois, se as imagens técnicas ocupam uma função mediadora quase inevitável nos processos comunicacionais contemporâneos, torna-se urgente nos despendurarmos deste altar em que uma autorrepresentação se confunde com uma autocelebração, situação que tende a favorecer um corpo inócuo para uma vivência política. Afinal, enquanto o mundo for confundido com fundo, isto é, tiver prioritariamente a função de compor uma fotografia de um sorriso de felicidade momentânea, – e muitas vezes compulsória (“toda *selfie* é a mais pura expressão de desamparo”, sentencia o autor), estaremos também dando as costas à nossa capacidade de ação para confrontar os problemas que efetivamente afetam e ameaçam nossa frágil existência.

Referência

BAITELLO JUNIOR, Norval. **Existências penduradas**: selfies, retratos e outros penduricalhos. Por uma ecologia das imagens. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2019. 129 p.

Sobre o autor:

Wagner Souza e Silva - Professor do Departamento de Jornalismo e Editoração do Programa de Pós-graduação em Ciências de Comunicação - ECA/USP.